

---

**VIVÊNCIA EXPERIENCIADA NO ASSENTAMENTO IRMÃ  
DOROTHY (ENTRE PETROLINA-PE E CASA NOVA-BA):  
observação do modo de vida dos movimentos sem terra**

**EXPERIENCED IN THE SISTER DOROTHY SETTLEMENT  
(BETWEEN PETROLINA-PE AND CASA NOVA-BA): observation  
of the way of life of the landless movements**

**Amélia Ludmila Pereira Gonçalves Gomes**

Mestranda em Extensão Rural (PPGExR) da Universidade Federal do Vale do São Francisco- UNIVASF  
amelia.pereiragoncalves@hotmail.com

**Monica Aparecida Tomé Pereira**

Doutora em Demografia, Professora da Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF  
monica.tome@univasf.edu.br

**Denes Dantas Vieira**

Doutor em Ciências Sociais, Professor da Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF  
denes.vieira@univasf.edu.br

**Resumo**

O presente estudo apresenta os elementos resultantes da reflexão da territorialização, vinculada ao modo de vida dos movimentos sem terra, a partir da vivência experienciada em uma primeira reunião ocorrida entre os estudantes do curso de graduação em geografia, no ano de 2015 e os trabalhadores rurais vinculados ao MST do assentamento irmã Dorothy em Petrolina-PE. Na reunião foram tratados temas sobre modo de produção, território, campesinato, o cotidiano das famílias. A partir desse encontro e os conhecimentos e reflexões que constituem a trajetória acadêmica da discente (a época), hoje profissional, se observou-se a interação entre os conceitos de territorialização e o modo de vida dos movimentos dos trabalhadores sem terra. Neste contexto, o objetivo deste trabalho é relatar a articulação entre a territorialização e o modo de vida dos trabalhadores sem terra. A metodologia adotada foi a bibliográfica com ênfase na experiência vivida na universidade por meio da leitura e discussão das temáticas e a articulação com o homem do campo. Com o auxílio de referenciais como: Santos, Martins, Burdieu, com discussões sobre o campo, as lutas pela terra e o modo de vida. Percebeu-se a importância dessa discussão frente ao direito a terra da população rural principalmente, no período do curso de geografia no ano de 2012 a 2016. Sendo assim, esta experiência de relato inserido no contexto real proporcionou um conhecimento crítico da situação contextualizado com a trajetória vivida, e sua relação com a vida acadêmica desde a graduação até o presente momento.

**Palavras chave:** Relato. Experiência. Trajetória. MST. Assentamento.

## Abstract

The present study presents the elements resulting from the reflection of territorialization, linked to the way of life of the landless movements, based on the experience experienced in a first meeting that took place between students of the undergraduate course in geography, in 2015, and rural workers. linked to the MST of the sister settlement Dorothy in Petrolina-PE. At the meeting, topics were discussed on the mode of production, territory, peasantry, the daily life of families. From this meeting and the knowledge and reflections that constitute the academic trajectory of the student (at the time), now professional, the interaction between the concepts of territorialization and the way of life of the landless workers' movements was observed. In this context, the objective of this work is to report the articulation between territorialization and the way of life of landless workers. The methodology adopted was the bibliography with emphasis on the experience lived at the university through the reading and discussion of the themes and the articulation with the rural man. With the help of references such as: Santos, Martins, Bourdieu, with discussions about the countryside, the struggles for land and the way of life. The importance of this discussion regarding the right to land of the rural population was noticed, mainly during the period of the geography course in the year 2012 to 2016. Therefore, this experience of reporting inserted in the real context provided a critical knowledge of the situation contextualized with the lived trajectory, and its relationship with academic life since graduation until the present moment.

**Keywords:** Report. Experience. Trajectory. MST. Settlement.

## Introdução

O contexto territorial, como objeto de estudo, pode ser entendido como uma manifestação perceptível das transformações e das contradições nos processos socioespaciais, e para este trabalho a sua relação com o campo é um componente crucial.

“O campo é tanto um “campo de forças”, como uma estrutura que constrange os agentes nele envolvidos, quanto um “campo de lutas”, em que os agentes atuam conforme suas posições relativas no campo de forças,

Todos os lugares são mundiais. E o que torna um lugar mundial são os componentes que fazem de uma determinada parceria do território com a produção humana, gerando uma troca de alto nível, consequência da hierarquização que regulariza a ação em outros lugares (SANTOS, 1994).

Santos (1977) afirma que: O espaço reproduz a totalidade social, na medida em que essas transformações são determinadas por necessidades sociais, econômicas e políticas. Assim, o espaço reproduz-se, ele mesmo, no interior da totalidade, quando evolui em função do modo de produção, termo utilizado para destacar as ações ocorridas e geradas no território e de seus momentos sucessivos.

Ao ponto de interagir com a sociedade, com a realidade, o princípio da extensão se apropria do conhecimento das pessoas que habitam o espaço, sendo esse um lugar também denominado de território e, das necessidades reais do grupo de indivíduos, em específico as comunidades rurais dos sem terra MST, necessitando que o meio acadêmico possa contribuir através do conhecimento científico construindo aspectos técnicos, humanos e acadêmico pensando sempre nas melhorias dos problemas.

Assim, diante desse cenário, este trabalho tem como objetivo relatar a experiência observada frente a trajetória docente associada ao pensamento crítico do sujeito sobre o homem do campo e em específico sobre os movimentos sem terra, onde essa experiência se relaciona ao caracterizar a prática em sala de aula, junto a todos os acontecimentos possíveis e a literatura do tema, proporcionando ao espaço plural de saberes.

### **Procedimentos metodológicos**

O estudo qualitativo possui caráter descritivo, foi elaborado a partir do da vivência experienciada de uma primeira reunião ocorrida por estudantes do curso de geografia no ano de 2015, em que foram tratados os temas: modo de vida, território, separação de tarefas por gênero sexual, o cotidiano das famílias camponesas no assentamento irmã Dorothy em Petrolina-PE. A pesquisa do relato foi desenvolvida frente ao programa de Pós-Graduação em Extensão Rural (PPGExR), nível Mestrado Profissional Interdisciplinar, da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF).

Por meio de referências o relato proporcionou resultados na área, por meio da pesquisa no sentido de oportunizar ao pesquisador uma visão de cunho geográfico amplo, trazendo autores e discussão que embasam junto da trajetória do docente, existe o diálogo a partir da percepção e experiências vividas no ambiente escolar, com a necessidade em melhorar a qualidade de vida da população.

O cenário estudado pelo relato, traz a reflexão afim de promover, e proporcionar a discussão reflexiva na perspectiva institucional do campesinato no contexto da vivência e a produção nas terras assentadas a fonte de alimento e de sobrevivência.

As estratégias utilizadas para abordagem da temática compreendem por meio de estudos bibliográficos e observações ao longo da trajetória até o presente momento

cursando o mestrado em extensão rural, e a contextualização com o espaço do homem do campo.

O que desencadeou a necessidade da experiência do relato foi poder contribuir para ampliar o debate no espaço rural, auxiliando assim a administração de políticas/planos voltados para os movimentos dos sem terra e a sociedade.

## **Resultados e discussão**

A criação do MST em meados dos anos 1980 trouxe para debate o modo de produção, onde, esse expressa-se pela luta e por uma interação entre o novo, que domina, e o velho que já dominou. Ou seja, os modos de produção escrevem sua história no tempo, e as formações sociais escrevem essa história no espaço. A evolução do espaço é na verdade um efeito e uma condição do movimento de uma sociedade global (MARTINS, 1986).

A luta pela terra constrói uma dimensão frente as lutas contra o capital, ao ponto que o capital se reproduz amplamente, piora cada vez mais a desigualdades que é sustentada, por meio da exclusão. Como o número de excluídos cada vez maior, tornando a luta contra o capital, um crescente (FERNANDES, 2001).

Compreendendo que a reforma agrária é uma política territorial que serve para minimizar os problemas agrários. Toma-se como referência a definição agrária compreendida como um problema estrutural do capitalismo (FERNANDES, 2001).

A luta do MST por terras é a luta por um território no sentido de um espaço físico para assentamento desses trabalhadores. Portanto, para os fins de compreender que para além do sentido físico desses espaços, o território é o resultado da ação de uma luta para “se apropriar de um espaço, concreto” (RAFFESTIN, 1993).

Entretanto, além de representar um espaço delimitado geográfico, o território também caracteriza um espaço de ação do sujeito, não apenas na forma legal e concreta ao escolher a propriedade legítima do espaço, mas também promovendo a apropriação do espaço de forma abstrata.

A partir das vivências cotidianas do sujeito, buscamos observar o processo de territorialização sempre está presente no movimento rural (FERNANDES, 2001).

Dessa forma, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) relacionou-se por mais de 30 anos de existência por meio de diversas conjunturas no que

se trata a respeito ao cenário da questão agrária no Brasil. Por volta dos anos 1990 com o uso do termo “camponês” nos documentos oficiais do movimento, e nos discursos das lideranças aconteceu uma caracterização indenitária do MST como um movimento camponês.

Essa reflexão se fez presente após a vivência experienciada ao assentamento Irmã Dorothy no ano de 2015, por meio do curso de geografia da Universidade de Pernambuco, na cidade de Petrolina, a visita ao assentamento ocorreu da seguinte forma: fomos em turma para o então assentamento localizado entre as cidade de Petrolina e Casa Nova-BA, o lugar trata-se de uma área de 700 hectares, bem estruturada: possuía padaria, mercearias, sorveterias, lanchonetes e uma escola com 17 alunos e três professores remunerados pelo município de Juazeiro. O forte era a produção agrícola. Na então visita, a turma pôde compreender os conceitos já citados por meio da professora Dra. Da disciplina de geografia agrária, foi um dia muito importante, tive nesse momento a curiosidade aguçada para aprender mais e poder no futuro contribuir com estas comunidades localizadas em movimentos dos sem terra.

A área era da Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba (Codevasf) e, segundo as famílias, a ocupação existia desde 2007, quando foi feito um acordo entre a empresa, os governos federal e estadual, o Incra, Ouvidoria Agrária e o Ministério Público Federal. Conforme a PF, entretanto, o início da ocupação se deu em 2012, cerca de 200 famílias e 800 pessoas moravam no assentamento (figura 01):

**Figura 01-** Trabalhadores no manejo de caprinos/ovinos, na área do assentamento Irmã Dorothy, Petrolina - PE/ Casa Nova-BA, 2015



**Fonte:** Primeiro autor.

Na figura 01, assentamento do MST entre as cidades de Petrolina-PE, e Casa Nova -BA, no período de curso da disciplina Geografia Agrária em: 2015, na UPE- Universidade de Pernambuco. Percebe-se a relevância em desenvolver o extensionista, neste caso específico por meio das práticas reflexivas, com foco na adaptação e convivência com o semiárido por parte das famílias camponesas dos assentamentos.

O que tornou inerente à existência camponesa a terra, oriundo dos seus bens e da sua existência, a luta do MST se dá na disputa de territórios que formam a condição essencial de existência (LIMA, et al, 2020).

Contudo, no ano de 2019, soube da ação de despejo que resultou em 700 pessoas sem casas e terra para produzir, a ação contou com a força policial, tiros de bala de borracha (Figura 2). A maioria das famílias foi para o assentamento Vale da Conquista, do MST, no município de Sobradinho-BA.

**Figura 02-** Máquina utilizada durante a derrubada na ação de despejo no assentamento Irmã Dorothy, em 2019



Fonte: MST Bahia, <https://www.brasildefato.com.br>.

São essas questões que tornam o profissional de geografia preocupado com as questões sociais, dessa forma, trazer esse relato, traz também para discussão conceitos pertinentes e que não podem deixar de ser mencionados como por exemplo as lutas pelo direito de produzir na terra. Um território pode representar para o indivíduo que nele habita o seu “espaço de vida”, espaço esse onde ocorrem as relações entre os indivíduos nas diversas escalas. Trata-se do lugar onde se luta pela sobrevivência, se mantém



relações políticas, sociais e culturais, o espaço onde se vive, onde se cria identidade, o lugar apropriado pelo indivíduo material e abstratamente (SANTOS, 1977).

O território dá solidez ao Estado, sendo um “fator constante” em relação aos acontecimentos humanos e ligado ao incremento de sua potência. Em uma perspectiva, se bem que distinta (LA BLACHE 1954).

Território, assim em qualquer acepção tem a ver com poder, mas não apenas o tradicional “poder político”. Ele diz respeito tanto ao poder no sentido mais concreto, de dominação, quanto ao poder no sentido mais simbólico, de apropriação (SANTOS, 1977).

Ao pensarmos no território no contexto da luta pela terra, logo percebemos que este implica tanto em uma carga material, quanto em uma carga simbólica, pois além da posse da propriedade, a conquista do seu lugar ou do seu território, adquire significados particulares para os indivíduos (LA BLACHE 1954).

Ao longo de sua história, o movimento MST tem como principal adversário o agronegócio, e essa disputa se intensifica na medida da modernização e do crescimento de caráter internacional da produção agrícola.

Assim, o MST se adequa às fases da luta, procurando minimamente se defender dos interesses do capital que prejudica o acesso de parte da população a uma melhor condição social de existência procurando adaptar-se a disputa territorial e ao entendimento do que é o território como mercadoria, que beneficia o acesso das elites, às cidades e à produção, em agravo dos mais pobres (LIMA, et al, 2020).

**Figura 03:** Casa de taipa e barro no assentamento Irmã Dorothy, Petrolina-PE/ 2015.



Fonte: Primeiro autor.

Na figura 03 fica claro o retrato desse agravo dos mais pobres, mostrando a realidade como a comunidade Irmã Dorothy, do movimento rural sem terra apresenta uma situação de miséria, em busca da sua própria terra, para plantar e desenvolver, com o intuito de sobreviver, para obter recursos.

A política agrária no Brasil, necessita de uma observação mais ampla da história da agricultura camponesa. Assemelhando-se ao MST com as Ligas Camponesas, por meio da luta pela terra, pelo direito de uso do campo, o que nos leva ao ponto comum entre os movimentos: a luta pela reforma agrária.

No caminhar dos anos, a tentativa camponesa de conquista pela distribuição de terras no Brasil desenvolveu muita repressão, com intensos conflitos, o movimento do campo passou por um processo de criminalização. Com uso de agressividade policial diante de protestos contra a situação de miséria que esses trabalhadores vivem, percebe-se o processo, por exemplo, na diminuição dos acampamentos do MST.

Estão entre as medidas que contribuem para a desarticulação dos movimentos do campo, por parte dos latifundiários e opositores de esquerda, como também, o uso da força por meio do poder da polícia (LIMA, et al, 2020).

**Figura 04-** Reunião entre trabalhadores rurais e estudantes do Curso de Geografia, no Assentamento Irmã Doroth em Petrolina-PE, 2015



Fonte: Primeiro autor.

Na figura 4, a comunidade do MST, as pessoas da comunidade estão em uma roda de conversa com os universitários do curso de geografia da UPE, com a finalidade de dialogar a respeito da realidade existente em uma comunidade do MST, explicando



como ocorriam as divisões de tarefas organizadas por sexo na comunidade. Havendo então, por meio dessa prática de escuta, uma troca de saberes e experiência no campo.

Experiências como essa possibilitou na visão hoje de uma profissional de geografia poder compreender e pesquisar sobre práticas extensionistas capazes de contribuir para o conhecimento e vivência das comunidades do MST.

O papel do espaço em relação à sociedade tem sido frequentemente minimizado pela geografia. Esta disciplina considera o espaço mais como um teatro das ações humanas (SANTOS, 1977).

A sociedade se desenvolve sistematicamente como parte de um organismo social coerente, onde, as leis sistêmicas se tornam supremas, uma espécie de medida padrão para todo o sistema (SANTOS, 1977).

Assim, para compreendermos conceitualmente o homem do campo, é necessário deter a ideia de que o campo é concebido enquanto espaço apropriado, espaço esse social, relacionado com a vida, a identidade e a própria cultura, como também, as práticas compartilhadas diante o coletivo.

### **Considerações finais**

As vivências oferecidas na graduação do curso de geografia da Universidade de Pernambuco, na cidade de Petrolina-PE, entre os anos 2012 a a 2016 possibilitou uma experiência presente na trajetória, o que possibilitou atuar na educação tanto na zona rural quanto a urbana e conseqüentemente o interesse pelo campesinato, sempre com uma visão crítica e reflexiva.

Percebeu-se a importância dessa discussão frente a luta pela reforma dos Movimentos Sociais, não passa apenas pela distribuição de terras, vai em direção da construção de novas formas de organização social que possibilitem a conquista da terra de trabalho a propriedade familiar.

Assim, a fonte de conhecimentos, principalmente para o meio rural, é a prática social, que remete à reflexão sobre os elementos provenientes de sua prática produtiva concreta, de sua prática organizativa do contexto econômico e social em que se desenvolvem.

Espera-se que os resultados a partir desse relato proporcionem ações voltadas para os movimentos dos sem terra, discutir na sociedade atual, aspectos como: modo de

vida do homem do campo, território, campesinato, faz do indivíduo um ser atuante e consciente dos problemas que precisam ser debatidos para alcançarmos bons resultados, melhorando assim, a vida em sociedade e o respeito pelo espaço do outro.

## REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. O camponês e seu corpo. **Revista Social. Polit.** 2006, n.26, p.83-92.
- BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação.** São Paulo: Papyrus, 1996. 113p.
- FERNANDES, Bernardo Mançano. **A formação do MST no Brasil.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- FERNANDES, B. M. **O MST e as reformas agrárias do Brasil.** Artigo Acadêmico, Universidade Estadual Paulista - UNESP. São Paulo, 2008.
- HAESBAERT, Rogério (Rogério Haesbaert da Costa). **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade.** Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2004.
- LIMA, C.P. J. et al. Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), A política agrária no Brasil e as mudanças nos paradigmas da disputa por território. Monografia. [s.l.] Universidade Estadual de Feira De Santana, 2020.
- LA BLACHE, Vidal de. **Princípios de Geografia Humana.** 2. ed. Lisboa: Edições Cosmos, 1954.
- MARTINS, J. S. **O cativo da terra.** São Paulo: Hucitec, 1986.
- OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino (2005) O MST como Movimento Socioterritorial moderno.-**Revista USP**, São Paulo, n. 64, p. 156-172, 2005.
- SANTOS, Milton et al (org.), **Território, globalização e fragmentação.** São Paulo: Hucitec-ANPUR, 1994.
- SANTOS, Milton. Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo /AGB, nº16 1977.
- SAQUET, Marcos Aurelio. Reterritorialização e identidade. *In:* MEDEIROS, Rosa Maria Vieira; FALCADE, Ivanira (org.), **Tradição versus tecnologia: as novas territorialidades do espaço agrário brasileiro.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p. 15-26.

Recebido em 24/07/2022.  
Aceito para publicação em 19/09/2022.